



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA  
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO: JORNALISMO  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA  
PROFESSORA ORIENTADORA: AMALIA RAQUEL PEREZ-NEBRA**

**CYNTIA LEITE CONTAIFER  
RA: 981372-4**

**DIOGO MAINARDI: AME OU ODEIE.  
O estudo das cartas publicadas na revista Veja**

**Brasília, junho de 2006**

**CYNTIA LEITE CONTAIFER**  
**RA: 981372-4**

**DIOGO MAINARDI: AME OU ODEIE.**  
**O estudo das cartas publicadas na revista Veja**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito para conclusão do curso de  
bacharelado em Comunicação Social –  
Habilidade em Jornalismo do Centro  
Universitário de Brasília.  
Orientadora: Amalia Raquel Pérez-Nebra

**Brasília, junho de 2006**

**CYNTIA LEITE CONTAIFER**  
**RA: 981372-4**

**DIOGO MAINARDI: AME OU ODEIE.**  
**O estudo das cartas publicadas na revista Veja**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito para conclusão do curso de  
bacharelado em Comunicação Social –  
Habilidade em Jornalismo do Centro  
Universitário de Brasília.  
Orientadora: Amalia Raquel Pérez-Nebra

Brasília, junho de 2006.

Banca Examinadora:

---

Prof. Amalia Raquel Pérez-Nebra, MsC.

---

Prof.

---

Prof.

*Agradeço e dedico essa monografia ao meu grande amigo Audiley Ribeiro Silva, principal incentivador e colaborador deste trabalho; à minha mãe, por sempre ter me dado força para não desistir e à professora Amália Raquel Pérez-Nebra, pelo excelente trabalho de orientação.*

# SUMÁRIO

Resumo .....	6
Abstract .....	7
1. Introdução .....	8
2. História, Veja e Mainardi .....	10
2.1 Breve História da Revista no Brasil .....	10
2.2 A Revista Veja .....	12
2.3 Quem é Diogo Mainardi? .....	13
3. Gêneros Jornalísticos Opinativos .....	16
4. Método .....	21
4.1 Amostra .....	21
4.2 Procedimentos .....	22
4.3 Análise de Dados .....	22
5. Resultados .....	24
6. Discussão .....	26
7. Conclusão .....	31
8. Bibliografia .....	33

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar as cartas de leitores enviadas à revista de caráter informativo *Veja*, do grupo editorial Abril, em relação à seção semanal do escritor Diogo Mainardi. Para tanto, utilizando-se das técnicas de Análise de Conteúdo, estudou-se 80 cartas ao total. A primeira é datada de 24 de março de 1999 e a última, de 8 de março de 2006. A seção existe em *Veja* desde 1999. Por isso escolheu-se uma abrangência desde a introdução dos textos na revista aos dias atuais. Pretende-se fazer um estudo comparativo entre as cartas, verificando características comuns entre as mesmas. E, também, verificar as divergências entre as opiniões existentes perante o texto e ao autor. O intuito é saber até que ponto pode-se considerar a opinião dos leitores como sendo equivalente a da revista, ou não. Tentar-se-á, ainda, explicar quais sentimentos e emoções os textos de Mainardi provocam nas pessoas, muitos deles, contraditórios. O objetivo, para tanto, é entender o porquê de tanto fascínio gerado pelo autor com seus depoimentos na revista.

Palavras-chaves: revista, cartas, gêneros jornalísticos opinativos, seção.

## **ABSTRACT**

This paper has as main goal to analyze reader's letters sent to the informative character magazine *Veja*, from Abril editorial group, related to the weekly section of the writer Diogo Mainardi. For that, using Issues Analysis techniques, 80 letters were studied. The first one is dated March 24, 1999, and the last March 8, 2006. The section exists in *Veja* since 1999. That's the principal reason the articles were chosen since the introduction of the texts in the magazine to the current days. It is intended to make a comparative study between the letters, verifying common characteristics between the same ones. And, also, to verify the divergence between the existing opinions in the text and the author's. Intention is to learn up to where the opinion of the readers should be considered as being equivalent to the magazine's or not. It will, also, be tried to explain which feelings and emotions the texts of Mainardi cause to people, many of them, contradictory. The objective, then, is to understand the reason of such allure generated by the author with his opinions in the magazine articles.

Key-words: magazine, letters, journalistic opinions, section.

## 1. Introdução

Todas as semanas estão na seção de cartas da revista *Veja* verdadeiros depoimentos aplaudindo, extasiando, reclamando e, principalmente, “detonando” a coluna de Diogo Mainardi. Mas, afinal, quem é esse sujeito e por que ele incomoda tanto os leitores?

Este trabalho nasce de observações, constatadas a partir de leituras e discussões no campo social e cultural, sobre o impacto que o texto do cronista, articulista e polemista Diogo Mainardi causa nos leitores.

Diogo Mainardi não é jornalista, mas escreve semanalmente na revista *Veja* sua opinião a respeito de assuntos do cotidiano, política, cultura. Normalmente é pautado pelos próprios jornais e pela Internet, outras vezes fala de si próprio ou critica seus desafetos.

Buscar-se-á verificar o que leva os leitores a terem opiniões tão contraditórias quanto aos os textos de Mainardi e, acima de tudo, porque mesmo os que dizem odiar o polemista são fiéis à leitura de sua seção.

Para isso, pretende-se analisar o conteúdo das cartas dos leitores endereçadas à revista *Veja* a respeito da seção semanal de Diogo Mainardi, publicada na revista desde 1999. O objetivo do estudo é identificar qual é a percepção do leitor em relação ao escritor e seus textos. A atenção estará voltada especificamente aos leitores que manifestam e registram suas opiniões por meio das cartas, através da leitura e análise minuciosa, amparada pela análise de conteúdo.

Foi escolhida a revista *Veja* por ser a revista semanal de informação mais vendida no Brasil, com tiragem de aproximadamente 1.200.000 exemplares, segundo informações no sítio da revista na Internet. Escolheu-se Diogo Mainardi por ele ter sido apontado como líder absoluto no ranking de cartas recebidas pela revista, de acordo com pesquisa da revista *Imprensa* (2005, p. 11).

O propósito é também analisar sua linguagem e de tentar compreender em que categoria jornalística ele se encontra. Em seus textos, o



escritor se revela um profissional que ora faz uma leitura subjetiva da realidade cultural brasileira, ora simplesmente é pautado pelas notícias que explodem pelo mundo. Numa ou noutra situação, ele desenvolve um mecanismo lingüístico capaz de quebrar expectativas, sempre surpreendendo o leitor de uma revista de grande alcance nacional.

A análise irá abranger cartas de leitores publicadas desde 1999 (ano em que a seção de Diogo Mainardi tornou-se fixa e regular na revista) até os dias atuais. Ao total, foram analisadas 80 (oitenta) cartas. Cabe aqui ressaltar que a quantidade de cartas publicadas é somente um percentual bem inferior ao real número de cartas recebidas pela redação.

Para organizar esse estudo, será apresentado a seguir um panorama para situar e contextualizar o leitor no terreno em que se insere essa pesquisa. Primeiro conta-se um pouco da história da revista no Brasil, da história da revista *Veja*, e sobre o escritor Diogo Mainardi. Em seguida, inseriu-se o conteúdo do que ele escreve em quatro gêneros jornalísticos: coluna, crônica, artigo e crítica. Depois, mostrar como ele transita por todos esses gêneros. Após, enfim, se inicia a análise das cartas, propriamente (que também é uma forma opinativa dentro da revista).

## 2. História, Veja e Mainardi

### 2.1 - Breve História da Revista no Brasil

Define-se revista como uma publicação periódica de formato e temática variados que se diferem do jornal pelo tratamento visual e textual. Nascimento (2002, p. 18) faz a seguinte afirmação

melhor qualidade de papel e de impressão, além de maior liberdade na diagramação e utilização de cores. Sem o imediatismo imposto aos jornais diários, as revistas lidariam com os fatos já publicados pelos jornais diários ou já veiculados pela televisão de maneira mais analítica, fornecendo um maior número de informações sobre determinado assunto.

Vilas Boas (1996, p.9) destaca o segmento de revistas semanais. Segundo ele, as revistas com essa periodicidade possuem mais tempo para produzirem textos mais sofisticados e criativos, além de utilizarem recursos estilísticos incompatíveis com o jornalismo diário. Para esse autor

a periodicidade semanal é preponderante. As revistas fazem jornalismo daquilo que ainda está em evidência nos noticiários, somando a estes pesquisa, documentação e riqueza textual. Isso possibilita a elaboração de um texto prazeroso de ler, rompendo as amarras da padronização cotidiana.

Segundo Nascimento (2002), a primeira revista que se tem notícia no Brasil foi “As Variedades ou Ensaios de Literatura”, de 1812, que só teve duas edições. As revistas dessa época não tinham caráter noticioso e em nada lembravam a configuração que temos do veículo hoje. Scalzo (2003) afirma que as revistas tinham cara e jeito de livro e acrescenta que essas publicações tinham vida curta porque sofriam com a falta de assinantes e recursos. Duravam, no máximo, um ou dois anos e tinham tiragens ínfimas. Dessa época, também, podemos citar: O Patriota (1813), Anais Fluminenses de Ciências, Artes e Literatura (1822), O Propagador das Ciências Médicas (1827), Revista da Sociedade Filomática (1833), Revista da Sociedade Ensaios Literários (1876), Revista da União Acadêmica (1899), Revista Semanária dos Trabalhos Legislativos da Câmara dos Senhores Deputados (1828), Revista Brasileira (1857).

Sodré (2002, p. 30) diz que somente no início do século XX as revistas começam a ganhar definição e estrutura mais adequada, caracterizando-se principalmente pela separação, na paginação do jornal, do material literário e jornalístico. Ele ainda informa que

é um pouco dessa transformação que decorre a proliferação das revistas ilustradas que ocorre a partir daí. É nelas que irão se refugiar os homens de letras, acentuando a tendência do jornal para caracterizar-se definitivamente como imprensa.

Para Scalzo (2003, p. 29), nessa época ocorre uma série de transformações científicas e tecnológicas que refletem na vida cotidiana e as revistas acompanham esse desenvolvimento. Ainda segundo a autora, nesse momento começam a surgir centenas de títulos, com inovações da indústria gráfica, com um requinte visual antes inimaginável.

Mas é em 1928 que se dá o marco do jornalismo em revista com a criação de *O Cruzeiro*, por Carlos Malheiros Dias, que passou a integrar o grupo do empresário e jornalista Assis Chateaubriand: os Diários Associados. Na década de 1950 chegou a vender cerca de 700 mil exemplares por semana e a revista circulou até 1975 (SCALZO, 2003).

Ainda nessa linha de reportagem, Samuel Weiner, em 1938 lançou *Diretrizes*, com destaque na produção de textos investigativos e críticos, mas não resistiu a censura durante o governo Vargas e parou de circular em 1944.

Em 1952, surge *Manchete*, da editora Bloch. Segundo Scalzo (2003), era uma revista ilustrada que valorizava o aspecto gráfico e fotográfico, que mantinha colunas de cronistas como Rubem Braga e Paulo Mendes Campos e que se popularizou com reportagens históricas como a da inauguração de Brasília em 1960. A revista sobreviveu até o início da década de 1990.

Em 1952 foi lançada *Visão*, voltada para um público formado por empresários, executivos e homens da classe média urbana. Segundo Scalzo (2003), a revista pode ser considerada antecessora das revistas semanais de informação e das revistas de negócios no Brasil, e foi a primeira concorrente de *Veja*.

A editora Abril, em 1966, lançou *Realidade*, que fechou em 1976, com tiragem de 120 mil exemplares e chegou a atingir 500 mil exemplares.

Criada por Roberto Civita, a revista se destacou com o enfoque na reportagem investigativa e é considerada, segundo Scalzo (2003), uma das mais conceituadas revistas brasileiras de todos os tempos. Em dez anos, a revista ganhou sete prêmios Esso de jornalismo.

Em 1968, nasceu a *Veja*, também da editora Abril. Outras revistas também do segmento de publicações semanais de informação foram criadas: a *Istoé*, em 1976 por Mino Carta e a *Época*, mais recentemente, lançada pela editora Globo em 1998 (SCALZO, 2003).

## 2.2- A Revista Veja

Pretende-se aqui mapear as características da revista *Veja*. Para isso se fará uma breve definição da revista e contar-se-á um pouco da história de *Veja* e suas particularidades.

No segmento de revistas semanais, insere-se *Veja*, a maior revista em circulação no país, com tiragem média de 1.200.000 exemplares, segundo informações do sítio da revista na rede mundial de computadores (<http://www.veja.com.br>). No Brasil, a primeira concorrente foi *Visão*, que já existia antes de *Veja*. No decorrer do tempo vieram *Isto é* e *Época*, hoje as suas principais concorrentes (SCALZO, 2003).

Para Scalzo (2003), *Veja* é a única revista semanal de informação a desfrutar da situação de ser a mais lida e vendida no país, pois geralmente nos outros países, as revistas de tevê são as mais vendidas.

O primeiro exemplar foi em 09 de setembro de 1968, nos moldes da revista estadunidense *Time*. Segundo Nascimento (2002), *Veja* teve dificuldades durante os primeiros anos, devido a censura no governo militar, mas mesmo assim ganhou espaço no mercado. Em 1971, a revista passou a ser vendida por assinatura e hoje as assinaturas correspondem a 80% da venda dos exemplares. A primeira edição, que em tempos de Guerra-Fria, trazia na capa a manchete “O grande duelo do mundo comunista”, trazia no

editorial titulado até hoje como Carta ao leitor: “*VEJA* quer ser a grande revista semanal de informação de todos os brasileiros” (<http://www.veja.com.br>)

Veja teve parte da responsabilidade de alguns acontecimentos da história brasileira. Como exemplo, pode-se citar o *impeachment* do ex-presidente da República Fernando Collor de Melo. Depois de apresentar uma entrevista com seu irmão, Pedro Collor de Melo, revelando a participação do então Presidente em escândalos de corrupção, grande parte da sociedade mobilizou-se a fim de expulsar Fernando Collor do poder.

Por ser uma revista de grande alcance e não segmentada, Veja não possui público-alvo definido e majoritário, em termos de sexo e idade. Seus leitores vão de idosos a crianças. A revista, semanalmente, fala sobre assuntos do Brasil e do mundo. Também, reserva espaço para notícias e reportagens de âmbito geral como, por exemplo, saúde, comportamento e meio-ambiente. Há textos, em forma de crônica, de escritores amplamente conhecidos. Um exemplo é Millôr Fernandes, e atualmente, Diogo Mainardi.

### 2.3- Quem é Diogo Mainardi?

A proposta desse sub-capítulo é mostrar parte da trajetória e do estilo do escritor de Veja, Diogo Mainardi. Para traçar esse histórico, buscou-se material nas entrevistas dadas pelo profissional à imprensa, visto que não há nenhuma literatura formal sobre ele.

O escritor Mainardi tem 42 anos, nasceu em São Paulo e mora no Rio de Janeiro. Coursou um ano de Ciências Políticas no Brasil e um ano de Economia em Londres, mas abandonou os dois cursos. Em Londres, conheceu o jornalista e escritor Ivan Lessa que trabalhava na *BBC* e que Mainardi considera como essencial na sua formação.

Procurei Ivan como fã. Foi a primeira e única vez que busquei uma pessoa por isso. E ele começou a me encher de livros. Íamos comer em um restaurante chinês, às quartas-feiras, e ele sempre levava três livros para mim, que eu lia no arco entre uma semana e outra. Entre a leitura com esse tutor e a universidade, achei melhor o Ivan Lessa e sua biblioteca. (entrevista concedida ao Jornal do Brasil, 2003)

Iniciou em *Veja* há quatorze anos, a convite do então editor de redação Sérgio Conti, fazendo resenhas e perfis. Em 1999 tornou-se colunista. O objetivo dele era ser escritor, mas a dificuldade de sobrevivência o levou ao jornalismo. Ele diz que achava o jornalismo incompatível com seu exercício de literatura e por isso relutou muito, mas como não conseguiu viver de livros. Foi para a imprensa.

Morou quatorze anos em Veneza, Itália, e só voltou ao Brasil por causa do tratamento do filho, este com paralisia cerebral. Em suas entrevistas e artigos faz questão de deixar claro que não gosta do Brasil.

Nossas cidades são as mais feias do mundo, a nossa literatura é muito pobre, a nossa música é repetitiva. Não gosto do Brasil, não gosto dos brasileiros. Todo mundo está aí para se entregar, para se dar bem, estou convencido de que somos um povo de terceira categoria e de que este país não tem jeito. Mas, ao mesmo tempo, este é o meu país e isso é o que eu sou. Meu interesse é todo voltado para isso aqui. (entrevista concedida a Revista Trip, 2003)

Famoso por seus textos polêmicos, carregados de recursos como ironia e críticas aos mais diversos assuntos, seu alvo preferido são os políticos. Por exemplo, na edição de 03 de agosto de 2005, o título da seção é: *Quero Derrubar Lula*:

Todo mundo sabe que a melhor receita para o país é uma ampla reforma política. Lula é o maior obstáculo para que ela aconteça. Se ele for derrubado, tem reforma. Se não for, não tem. Lula, como sempre, é um fator de imobilismo e atraso (Revista *Veja*, edição 1916)

Mainardi, juntamente com o presidente do Conselho Administrativo da revista *Veja*, Roberto Civita, e o jornalista Marcelo Carneiro responderam processo no Supremo Tribunal Federal (STF). Por isso, foram acusados de crime de subversão contra a segurança nacional, por colocarem em perigo o regime representativo e democrático brasileiro. Em 22 de agosto de 2005, o ministro Celso de Mello arquivou a ação, com ênfase nos fundamentos da liberdade de imprensa como um dos pilares da democracia e a constatação de que o direito de crítica se apóia no pluralismo político. Diogo Mainardi continua escrevendo que vai derrubar Lula e se gaba, com sua tradicional arrogância, da decisão do STF. Disse em entrevista ao jornal *Gazeta do Povo* de Curitiba, na edição de 04 de setembro de 2005, que é um *case* de sucesso e que a sentença foi uma grande vitória para o jornalismo em geral. Segundo ele, a história não teve mais repercussão porque os jornalistas não gostam dele.

Se fosse outro, poderia ter dado primeira página. No meu caso, não. Eu acho que eles nem concordam muito com a sentença. Eu acho que muita gente queria me ver punido, desmoralizado em público. Mas eu entendo. [...] E nos últimos seis meses eu fiquei uma pessoa bastante insuportável [por ter antecipado as críticas ao PT]. Falo para todo mundo: eu disse, eu disse, eu disse. Eu sou o máximo, eu sou um oráculo, eu sou um sabe-tudo, um sabichão. É óbvio que as pessoas se cansam e planejam a vingança. Eu virei um pentelho recentemente. E eu mereço uma punição. Mas não desse jeito. Não punindo a liberdade de imprensa, por exemplo. E não por algo que eu tenha feito, porque, sujo, eu não sou (<http://canais.ondarpc.com.br/gazetadopovo/cadernog/conteudo.html?id=491337>)

Diogo Mainardi, com seu texto ácido, procura partir da informação para o ponto central de um tema, ou seja, ele inverte a forma tradicional da notícia, jogando-a aos leitores sem a importância do fato principal. O jornalista coloca seu texto, através de uma crítica ao tema escolhido, diante do leitor, com toda a indignação de uma linguagem em que a informação cede à opinião do autor. Por vezes, faz dos acontecimentos uma polêmica, e sem se preocupar com a objetividade dos fatos, atrai a repulsa de muitos leitores. Os temas abordados por Mainardi, política, cultura nacional, personalidades entre outros mexem com o imaginário do leitor. Neste momento, o ódio se transforma em objetivo contra o jornalista. Isso faz de Diogo Mainardi um dos colunistas mais lidos de *Veja* (GOMES, 2004; VENCESLAU, 2005).

Ele também é co-apresentador do programa *Manhattan Connection*, no canal por assinatura GNT. Escreveu quatro romances: *Malthus* (1989), *Arquipélago* (1992), *Polígono das Secas* (1995), *Contra o Brasil* (1998); e dois roteiros cinematográficos: *16-0-60* (1995) e *Mater Dei* (2000). No fim de 2004, lançou *A Tapas e Pontapés*, seleção de artigos da revista *Veja*, publicado pela Editora Record (VENCESLAU, 2005).

É colunista, cronista, articulista e crítico que muitas vezes assemelha-se mais a ficção que à informação. A seguir, mostrar-se-á como o escritor desliza por vários gêneros jornalísticos opinativos.

### 3. Gêneros Jornalísticos Opinativos

Neste capítulo será discutido o texto do autor, “tentando” enquadrá-lo em alguma característica de gênero jornalístico. As aspas são necessárias nesse caso pois, como será exposto abaixo, Mainardi patina, desliza por diversas classificações. Também comentar-se-á sobre as cartas endereçadas à Veja, que são uma forma de opinião na revista. Neste caso, porém, não sendo do autor, e sim, dos leitores.

Primeiramente, não há como negar que a seção do escritor Diogo Mainardi em Veja seja opinativa. Para Melo (2003, p. 101)

A manifestação de opinião no jornalismo contemporâneo não é um fenômeno monolítico. Por mais que a instituição jornalística tenha uma orientação definida [posição ideológica ou linha política], em torno da qual pretende que as suas mensagens sejam estruturadas, subsiste sempre uma diferenciação opinativa [no sentido de atribuição de valor aos acontecimentos].

A cada texto, Mainardi emite seu parecer dentro do contexto do fato apresentado na semana. Porém, devido às características inerentes a seção, não é possível ambientá-la em apenas um gênero. A seção, torna-se, desse modo, híbrida quanto ao seu formato. Essa “tentativa” de classificação será mostrada a seguir.

Segundo Gargurevich (1994, p. 33),

os gêneros jornalísticos são formas que busca o jornalista para se expressar. Seu traço definidor está portanto no estilo, no manejo da língua: são “formas jornalístico-literárias” porque seu objetivo é o “relato da informação e não necessariamente o prazer estético”.

Melo (2003, p. 103) enfatiza e acrescenta com clareza:

Esses gêneros possuem características comuns, do ponto de vista da estrutura redacional ou da perspectiva de análise, [...]. No entanto, cada um deles tem sua própria identidade no contexto do jornalismo brasileiro

No presente estudo, há de se diferenciar, dentro dos conceitos e características dos gêneros jornalísticos opinativos, a seção em si (texto do autor) do objeto de estudo desta monografia (as cartas dos leitores).



No primeiro, percebe-se que o texto da seção pode ser classificado em mais de um tipo de gênero jornalístico opinativo. São eles: coluna, crônica, crítica e artigo. Mais adiante, falar-se-á sobre a seção específica de “cartas”, que também não deixa ser uma opinião na revista, e, portanto, também gênero jornalístico opinativo.

Talvez o gênero jornalístico opinativo mais abrangente seja a **coluna**. Comumente se ouve falar: “Você leu a ‘coluna’ do Diogo Mainardi essa semana?”

Segundo Rabaça e Barbosa (1978, p. 102), coluna é

seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade, geralmente assinada, e redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum. Compõe-se de notas, sueltos, crônicas, artigos ou texto-legendas, podendo adotar, lado a lado, várias dessas formas. As colunas mantêm um título ou cabeçalho constante, e são diagramadas geralmente numa posição fixa e sempre na mesma página, o que facilita a sua localização imediata pelos leitores.

A partir de uma visualização apurada, verifica-se que as características acima citadas são pertinentes em relação à seção em *Veja*. A seção ocupa perto de 2/3 (dois terços) de página em um *box* delimitado. O nome da seção (sobre um sombreado em vermelho) é o nome do autor do texto: Diogo Mainardi. Em cada texto, em cada semana, há um título diferente acerca do assunto abordado. Ao lado, uma foto do escritor. Em seu sentido estrutural, a seção apresenta, sempre, duas colunas. Entre elas há um “intertexto”, geralmente com a frase mais importante ou chamativa.

O texto do escritor Mainardi pode ser interpretado como sendo, também, **crônica**. Há elementos que retratam a realidade brasileira e mundial, dentro de um contexto geralmente informal, relacionados ao cotidiano.

Para Andrade (1992, p. 42), crônicas são “comentários desprentensiosos em seção de jornal e revista, assinadas pelo autor, acerca de pessoas ou fatos”.

Um leitor desinformado, por exemplo, pode saber acerca de um assunto da realidade apenas lendo o texto do autor, sendo, assim, uma fonte de informação. Mainardi transporta para a seção as notícias da atualidade.

Porém, em estilo próprio: geralmente coloquial e figurativo, diferentemente do estilo noticioso “clássico”.

Sá (2001, p. 11) ilustra esse estilo de texto. Para ele, a sintaxe da crônica

lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima de conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito. Dessa forma, há uma proximidade entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o narrador caia no equívoco de compor frases frouxas sem a magicidade da elaboração, pois ele não perde de vista o fato de que o real não é meramente copiado, mas recriado.

Mainardi ironiza situações do campo sócio-político-econômico brasileiro e mundial praticamente toda a semana. Assim, o escritor não deixa de ter um caráter crítico em relação à realidade, geralmente com uma carga presencialmente irônica e sarcástica embutida no texto. A forma como este conteúdo é passada ao público, com significados e interpretações, será demonstrada neste trabalho, mais adiante.

Alguma das vezes, o escritor aborda, em seus textos, assuntos de cunho cultural, como crítica a filmes ou espetáculos. Essa modalidade, porém, encontra-se em desuso na seção, muito provavelmente por conta do cenário político brasileiro atual, que rende ao autor inúmeros assuntos a serem tratados e abordados.

A **crítica** “corresponde a uma apreciação das obras-de-arte ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores ou consumidores” (MELO, 1994).

A seção também pode ser considerada como **artigo**. Para Melo (2003, p. 121), artigo “trata-se de uma matéria jornalística onde alguém (jornalista ou não) desenvolve uma idéia e apresenta sua opinião”. O mesmo (2003, p. 126) ainda enfatiza dizendo que

estando menos dependente de ângulos de observação da realidade que aqueles circunscritos ao ambiente jornalístico, o articulista introduz diferentes prismas para analisar a conjuntura e traz novas informações e idéias para completar a crítica do cenário sóciopolítico.

Bom, sabe-se que Mainardi não é jornalista, como explicado anteriormente. Como articulista, ele emite opinião acerca da realidade, muitas

das vezes acrescentando assuntos pertinentes e de relevância para o fato, à notícia implícita. Assim, motiva os leitores a interpretações diferentes, contrastando entre a concordância ou discordância.

A opinião do leitor não deixa de ser um gênero jornalístico, mesmo não sendo escrito por pessoas especializadas. Em *Veja*, a seção **Cartas**, como na maioria dos periódicos, vem nas primeiras páginas.

Dados publicados na última edição da revista em 28 de dezembro de 2005 (VEJA, ed 1937) mostram que há um aumento crescente da participação dos leitores nessa modalidade de opinião. E que também reflete no total de cartas efetivamente publicadas. Enquanto que em 2004 foram publicadas 1.403 cartas dos leitores nas páginas da revista, em 2005 esse número subiu para 1.587, um aumento de 13%.

Antes de tudo é fundamental deixar claro que a seção se chama “Cartas”. Entretanto, a forma de comunicação entre o leitor e o meio de comunicação não se dá apenas pelo tradicional sentido da palavra, ou seja, nem sempre é por meio de “carta” enviada pelo sistema de Correios. Com o advento de novas tecnologias, mais simples e rápidas, hoje em dia a forma de contato entre leitor/veículo mais utilizada é a carta eletrônica (*e-mail*). Mas, por força talvez da tradição, a seção não sofreu alteração quanto ao seu título, quanto ao seu nome.

A “Carta” é o principal canal de comunicação entre a empresa jornalística e seu público alvo. Por meio desse recurso, o meio de comunicação pode, até mesmo, alterar uma determinada linha editorial, extinguir ou criar seções. Ou seja, o reflexo do público, por meio do seu contentamento ou discordância, torna-se, atualmente, ferramenta de extrema importância para atividade jornalística.

Em *Veja*, como já falado anteriormente, a seção de Diogo Mainardi é uma das mais comentadas pelos leitores durante a semana. Alguns textos chegam a receber mais de 100 (cem) comentários por semana (<http://www.veja.com.br>).

Melo (2003, p. 173) faz uma pertinente consideração acerca das Cartas

Enquanto não emergem soluções tecnológicas e políticas que viabilizem essa participação do público nas experiências jornalísticas, resta ao cidadão recorrer à “Carta” como um recurso para expressar seus pontos de vista, suas reivindicações, sua emoção.

Desse modo, a seção de Cartas nas revistas, e por conseguinte também em *Veja*, abre um caminho para a discussão e debate de pensamentos e opiniões, não os restringindo somente ao veículo de comunicação. Ainda segundo Melo (2003, p. 174), o cidadão faz uso da carta como possibilidade de intervir no debate público.

No próximo capítulo, sendo as cartas endereçadas à revista acerca dos textos de Diogo Mainardi o objeto de pesquisa deste trabalho, será mostrado, metodologicamente, como foi o processo de análise e interpretação das referidas cartas.

## 4. Método

Para Moura e Castro (1997, p. 43), o objetivo da metodologia é ajudar-nos a compreender, nos mais amplos termos, não os produtos da pesquisa, mas o próprio processo.

A escolha por esse tema veio da observação do grande número de leitores que escrevem para a revista *Veja* acerca dos textos do escritor Diogo Mainardi. Interessante é notar que os comentários dos leitores são tão díspares que nos fazem ter a idéia de que o autor não seja uma verdadeira unanimidade. Críticas e insultos à pessoa do autor se misturam aos derradeiros elogios e concordância com os textos apresentados a cada semana.

Este trabalho se baseou numa pesquisa acerca das cartas enviadas à revista *Veja* sobre a seção do escritor Diogo Mainardi. Procurou-se saber qual a motivação que leva os leitores a escreverem para o periódico, comentando sobre o texto, geralmente da semana anterior a publicação da carta.

Utilizou-se nesta monografia, para tanto, o método da análise de conteúdo. Stone (1989) define a Análise de Conteúdo como sendo qualquer pesquisa técnica cuja finalidade consiste em fazer inferências através da identificação sistemática e objetiva de características no interior do texto. Wolf (1995) complementa caracterizando essa análise que consiste, sobretudo, na decomposição da mensagem em elementos mais simples, como palavras ou termos, e na elaboração de um conjunto de regras explícitas de procedimento no exame dessas mensagens.

### 4.1 - Amostra

O interesse por esse assunto surgiu na observação da seção “Cartas” da revista *Veja*. É interessante verificar as divergentes opiniões dos

leitores. Como será mostrado posteriormente, há desde notórios elogios a pessoa do escritor a críticas enérgicas que beiram os xingamentos.

Para tanto, não se preocupou em estabelecer um período pré-definido para a análise. Tomou-se como parâmetro o estudo composto de cartas, desde o ingresso da seção do escritor da revista em 1999 até os dias atuais. A primeira carta é datada de 24 de março de 1999, e a última de 8 de março de 2006. O total de cartas foi obtido por meio de cálculo amostral de 1 (hum) grau de liberdade. Chegou-se a 80 cartas que foram escolhidas aleatoriamente, com auxílio do programa *Excel*. A primeira carta de cada edição foi escolhida arbitrariamente.

#### 4.2 - Procedimento

Leu-se as 80 cartas em ordem cronológica. Após a leitura, foi feito um levantamento de dados pertinentes ao conteúdo e referências explícitas do objeto. Separou-se as cartas nas seguintes categorias: sexo do emitente (masculino e feminino), estados ou países oriundos (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste, Sul e exterior) e posição quanto ao tema (favorável, desfavorável, neutro/imparcial e direito de resposta). Quanto a categoria “direito de resposta”, subdividiu-se em três subcategorias: favorável, desfavorável e neutro (no sentido de esclarecimento). Também, fez-se uma lista com os adjetivos encontrados nas cartas para estabelecer categorias, a fim de verificar quais os que mais aparecem nas cartas e seus sentidos.

#### 4.3 - Análise de Dados

Dentro das técnicas de análise de conteúdo, esta monografia se baseará na Análise das Relações apontada por Minayo (1998). Segundo a autora, esta análise designa técnicas, que, ao invés de analisar a simples frequência de aparição de elementos no texto, preocupam-se com as relações que os vários elementos mantêm entre si, dentro de um texto. A modalidade

escolhida foi a de “co-ocorrências”. A autora informa que esta técnica (co-ocorrências) procura extrair de um texto as relações entre as partes de uma mensagem e assinala a presença simultânea de dois ou mais elementos na mesma unidade de contexto. Para tanto, inseriu-se no corpo desse trabalho a tabela de adjetivos feita para comparação entre as cartas.

## 5. Resultados

Com os dados apurados, verificaram-se algumas características sobre as cartas enviadas à redação de Veja.

Houve uma predominância de remetentes do sexo masculino. Das 80 cartas analisadas, 73,75% dos emissores eram homens, contra 26,25% de mulheres.

Quanto à procedência, há um fato a se considerar: das 80 cartas escolhidas, em sete delas não havia a origem. Apenas o endereço eletrônico (carta eletrônica). Então, dentre as 73 cartas com procedência conhecida e exposta na revista, verificou-se que a maior parte delas vem da região sudeste do Brasil: 31,51%. Em segundo lugar, ficou a região nordeste, com 21,91%. Após, com 19,18% ficou a região centro-oeste. Em quarto lugar a região sul com 13,70%. A região norte ficou com 4,11%. Há de se considerar, também, as cartas oriundas do exterior: 9,59% do total.

Fez-se um estudo sobre o posicionamento dos leitores em relação ao texto e ao escritor. Do total de cartas, 72,5% dos leitores se manifestaram favoravelmente. Outros 10% deles se mostraram desfavoráveis. A parcela daqueles que foram neutros e/ou imparciais corresponde a 5% do total. Há também outra categoria/classificação quanto ao posicionamento dos leitores: o chamado direito de resposta (que correspondeu a 12,5% das cartas analisadas). Dentre esta última classificação, nenhuma mostrou-se como sendo positiva/favorável. Porém, 40% destes fizeram uma resposta negativa, enquanto 60% foram neutros/imparciais em suas respostas.

Para embasar parte da discussão a ser explicitada posteriormente, fez-se duas tabelas, com base nas cartas dos leitores: uma com os adjetivos favoráveis e outra com os desfavoráveis. Foram relacionados 105 adjetivos. Desse total foram favoráveis 80%. Sendo assim, 20% foram desfavoráveis ao autor e ao texto. Os artigos favoráveis que mais apareceram nas cartas foram:



inteligência, clareza, objetividade e lucidez. Os desfavoráveis mais citados foram: maluco e louco.

Ainda nesta análise dos adjetivos encontrados nos textos, classificou-se os mesmos em quatro categorias: elogios e/ou qualidades ao/do autor; elogios e/ou qualidades do texto; elogios e/ou qualidades do assunto abordado e críticas ao autor, texto e/ou assunto.

Abaixo, fez-se uma tabela contendo alguns dos adjetivos encontrados, separados nas categorias correspondentes.

<b>Elogios e/ou qualidades ao/do autor</b>	<b>Elogios e/ou qualidades do texto</b>	<b>Elogios e/ou qualidades do assunto abordado</b>	<b>Críticas ao autor, texto e/ou assunto</b>
Inteligente	Bem escrito	Inteligente	Louco
Claro	Inteligente	Direto	Maluco
Objetivo	Mordaz	Abrangente	Enjoativo
Transparente	Claro	Erudito	Pedante
Culto	Conciso	Verdadeiro	Ácido
Ímpar	Sensacional	Maravilhoso	Corrosivo
Lúcido	Poético	Bom senso	Injusto
Corajoso	Irônico	Sábio	Desinformado
Bravo	Bom	Clareza	Banal
Impagável	Ruim	Lucidez	Medíocre
Gênio	Cru	Original	Arrogante
Brilhante	Duro	Preciso	Desrespeitoso
Imbatível	Obra-prima	Objetivo	Rancoroso
Majestoso	Denso	Desafiador	Ferino

No próximo capítulo será feita uma discussão acerca dos dados obtidos por meio dessa análise.

## 6. Discussão

Neste capítulo, verificar-se-ão alguns aspectos importantes encontrados após a análise das cartas dos leitores de *Veja*, a respeito dos textos do escritor Diogo Mainardi.

Antes de iniciar essa discussão, é importante salientar um detalhe pertinente ao entendimento deste trabalho. A análise das cartas trouxe dois tipos diferentes de opiniões dos leitores: uma relativa ao texto (geralmente da semana anterior) e outra em relação à pessoa do escritor. Talvez esse seja um aspecto ímpar, em se tratando de jornalismo em revista no Brasil. Nenhum outro escritor no país, atualmente, é tão comentado como Mainardi (VENCESLAU, 2005).

Como exemplo de carta em relação ao texto, tem-se abaixo uma enviada pelo leitor Luís Cunha, de São Paulo:

Não diria que sou leitor e apreciador do senhor Diogo Mainardi. Às vezes, sinto que ele busca a polêmica em seus textos por estar habituado a ela. O fato é que na crônica 'O Cony é coisa nossa' ele foi extremamente feliz. (*Veja*, ed 1744, 27/03/02)

Abaixo, entretanto, temos uma carta do leitor Marco Nadolny. Agora, nesse caso, há elogios à pessoa do autor:

A cada semana me surpreendo mais com a inteligência, o bom senso e a visão crítica aguçadíssima de Diogo Mainardi. (*Veja*, ed 1832, 10/12/03)

Há de se destacar, também, o seguinte fato: o elevado percentual de cartas que são favoráveis ao texto ou a postura do autor. Como já foi dito anteriormente, mais de 70% das cartas publicadas e analisadas não pouparam elogios, qualidades à seção ou ao autor. Outro ponto verificado e passível de análise e discussão é o fato de, quando há mais de uma carta publicada na mesma edição, a primeira, quase sempre, foi favorável, seja elogiando a seção da semana anterior ou à postura do escritor frente aos assuntos abordados. Ora, não há como negar que a publicação se utiliza desse meio para enaltecer o trabalho do seu escritor, aquele que, como já dito, é um dos recordistas de

cartas da revista. Também parece óbvio que, por se tratar de veículo comercial, ela (a revista) tem o interesse de manter “em alta” a popularidade do autor perante os leitores. Ou seja, um efeito de primazia.

É importante salientar que a revista não divulga o teor de todas as cartas recebidas por ela. Ou seja, o leitor comum não sabe, por exemplo, do total de cartas enviadas a revista por semana, quantas foram contrárias e quantas foram favoráveis. Não se sabe se a revista obedece a critérios próprios para as cartas que serão publicadas, ou não. Desse modo, há uma arbitrariedade, uma discricionariedade em relação à escolha. Então, difere-se que a revista opta por publicar mais cartas favoráveis ao texto ou ao autor do que àquelas contrárias, pois há, de certa forma, um interesse em preservar a imagem de seu colaborador e, ao mesmo tempo, elevar sua popularidade. As cartas funcionam, nesse contexto, como elemento externo de amparo e apoio indireto à atividade jornalística.

É notória a posição crítica da revista em relação ao atual governo federal. Além das matérias e entrevistas veiculadas, os textos de Mainardi contribuem, também, para manter esse posicionamento. Nos últimos anos, o escritor não tem poupado críticas ao presidente Lula, principalmente. E o reflexo dessa posição anti-governista é expresso também nas cartas dos leitores. Na edição de 3 de agosto de 2005, Mainardi escreve um texto intitulado: “Quero derrubar Lula”. Na edição posterior à publicação do referido texto, o leitor Everson Pavani, de São Paulo, escreve:

Caro Diogo, não queira derrubar Lula, poupe seus esforços, ele já caiu! Caiu há muito tempo, caiu antes mesmo de assumir a Presidência, caiu por esquecer de sua origem, caiu por querer muito o que não possuía e, por derradeiro, caiu por ofender a dignidade de 180 milhões de brasileiros! Caiu! (Veja, ed 1917, 10/05/05).

Suas críticas ácidas e corrosivas ao governo do PT (Partido dos Trabalhadores), prioritariamente na esfera federal, muitas vezes, são criticadas pelos integrantes do próprio partido, o que gera o chamado “direito de resposta”. Entre as cartas publicadas, não é difícil encontrar aquelas assinadas por pessoas de notoriedade e de caráter público. No espaço amostral analisado, por exemplo, têm-se cartas enviadas, por exemplo, por André Singer (Porta-Voz da Presidência da República) e José Eduardo Cardozo (deputado federal pelo PT de São Paulo). Um caso que chamou a atenção foi a carta

enviada pelo Senador Aloísio Mercadante, do PT de São Paulo. Nela, o congressista defende-se sobre acusações feitas a sua pessoa por Mainardi no texto “Roteiro para uma CPI”. Ironicamente, Mainardi chama o parlamentar pelo codinome: “senador de bigode”. Mercadante, escreve:

O colunista Diogo Mainardi denunciou personagens cujos perfis sugerem pessoas reais, como o senador de bigode. Como não foi ouvido pelo colunista, que o acusou sem provas, o senador de bigode procurou-me para esclarecer as aleivosias [...]. (Veja, ed 1930, 16/11/05)

Além do chamado “direito de resposta” e das opiniões favoráveis ou contrárias, há também outro tipo de carta: as imparciais. São aquelas que, comumente, não tomam nenhum posicionamento perante ao assunto e, no máximo, acrescentam um “algo mais”, uma informação pertinente ou mesmo uma “dica”, em relação ao que foi explicitado no texto. Em “Penso em mudar” (edição de 23 de maio de 2001), Mainardi fala da possibilidade de se mudar para o Rio de Janeiro, Nova Iorque ou Roma. Mas encontra-se em dúvida em qual cidade escolher. O leitor Yannik D’Elboux, de Miami, Estado Unidos, enviou uma carta aconselhando o autor:

Li em sua última coluna que você está querendo mudar-se e encontra-se em dúvida sobre alguns lugares. Eu já me mudei inúmeras vezes, de casa, de cidade, de país, e, se quiser uma sugestão [creio que você não precisa muito], escolha o lugar pelas pessoas, não pelo que a cidade oferece. (Veja, ed 1702, 30/05/2001)

A percepção do leitor, muitas vezes, parece confusa. O escritor provoca naqueles que lêem seus textos sensações contraditórias. Em uma das revistas, a leitora Ígia Aranha, de Natal-RN, escreveu a seguinte carta:

O que sinto por Diogo é um misto de amor e ódio. Quando acabo de ler certas matérias suas, digo: ele é completamente louco! Na semana seguinte, corro logo para o artigo dele. Ao terminar, falo: ele é um louco completamente adorável. Continue assim, Diogo. Você é ímpar. Que venham os processos! (Veja, ed 1726, 14/11/01)

Nota-se que, nesse caso, por exemplo, as referências mais explícitas são em relação ao autor, menos em relação ao texto. As pessoas sabem que o que ele escreve, muitas vezes, soa como irônico, sarcástico, cínico. Porém, mesmo assim, provoca fascínio em que lê. Pode-se inferir que as pessoas vêem nos textos aquilo que, de alguma forma, elas tinham vontade de falar, de se expressar, porém não fazem. Há uma mistura de sentimentos antagônicos: amor/ódio, loucura/inteligência, adorável/odiável.

Quando da análise dos resultados em relação à origem das cartas, não houve uma surpresa quanto ao resultado. Há um predomínio da região sudeste em relação às demais. Mesmo porque, como sabido, essa região concentra grande parte da população brasileira e um nível sócio-cultural compatível com o público alvo da revista. São essas as pessoas que geralmente escrevem para a revista, expondo suas opiniões. Interessante é notar também que, muitas das cartas onde a origem é o Distrito Federal não vêm dos leitores de Brasília, aqueles que moram e residem na cidade, propriamente. Grande parte dessas cartas é de órgãos do governo, geralmente exercendo o chamado “direito de resposta”, contrastando com aquilo escrito por Mainardi em sua seção. Também, como já falado, há um percentual grande de leitores de fora do país que escrevem para a revista. Isso é evidência do grande alcance da revista, principalmente com as ferramentas eletrônicas existentes hoje em dia, que encurtam as distâncias do objeto para com o público.

Agora, também dentro da análise dos resultados, um fato chama a atenção: por que mais de 70% da participação nas cartas publicadas é do sexo masculino? Não há uma explicação lógica para tal fato, mesmo porque não se tem um estudo sobre a participação dos sexos na seção Cartas na revista. Outro fato a se considerar, também, é a questão da arbitrariedade da escolha das cartas a serem publicadas. Ou pode-se aferir que os textos de Mainardi chamam menos a atenção das mulheres, talvez por não serem elas o público majoritário da revista, ou mesmo por acharem uma “perda de tempo” a leitura da seção.

No universo das cartas analisadas, percebeu-se que o leitor da revista, também, não sabe caracterizar o texto do escritor. Afinal, o que ele escreve? As respostas dos leitores são diversas: coluna, crônica, artigo, seção, crítica. Percebe-se que o público que escreve para a revista não tem parâmetros para classificar os textos que lêem. Mesmo porque, como já foi explicada anteriormente, essa classificação é complexa até mesmo para entendedores da área. Mas, comparando as respostas dos leitores, há uma tendência maior dos mesmos classificarem a seção como sendo uma “coluna”. Talvez porque esse seja o nome mais genérico e de fácil assimilação e

entendimento para o público em geral, leigo nessa área. O que se pode afirmar é, apenas, que o texto de Mainardi é híbrido, com características diversas dos gêneros jornalísticos opinativos.

De um modo geral, percebe-se que as cartas endereçadas à revista, pertinente à seção de Diogo Mainardi, funcionam como instrumento de construção da imagem do escritor, e não, puramente, como reflexo opinativo do público. A arbitrariedade na escolha das mesmas, de certa forma, descaracteriza o intuito da seção “Cartas”, que seria o de mostrar, divulgar opiniões dos leitores acerca do tema apresentado, sem qualquer intenção de modular a imagem, tanto do escritor, quanto da revista.

## 7. Conclusão

Diogo Mainardi deixou de ser um mero escritor de revista semanal (mesmo que essa seja a maior em circulação no país) para tornar-se um símbolo, uma celebridade do meio jornalístico. Isso não quer dizer que ele se esforçou para tanto, e nem que o mesmo quisesse deixar de ser um simples detentor de uma seção fixa em Veja. Com o passar do tempo, seu estilo próprio de texto, direto e ácido, sarcástico e impactante, gerou a curiosidade de muitas pessoas. Curiosidade tamanha que culminou esta análise e discussão sobre a opinião de quem realmente lê sua seção, de quem escreve para a revista comentando seu texto.

É claro que não se pode esquecer o fato de que Mainardi é integrante de uma revista, notoriamente, com uma ideologia política contrária à atual, em vigor no âmbito nacional. E que isso também é um fato que impulsiona e prevalecem os ensaios do autor na revista, já que, tanto a opinião de Mainardi, quanto de Veja, são ambivalentes.

Porém, nessa questão, em específico, tem-se que tomar cuidado com o direcionamento, muitas vezes tendencioso, em relação à escolha das cartas a serem publicadas na revista, com a opinião dos leitores sobre os textos de Mainardi. O que é publicado não quer dizer, necessariamente, que seja a verdadeira e proporcional “voz” de quem lê e comenta. A revista não informa esses dados para o público externo (e isso é o que geralmente acontece nos demais veículos de comunicação, infelizmente). Talvez com esses dados, poderia ter sido feita uma pesquisa diferente.

Mas, como se mostrou no corpo deste trabalho, há uma distância relativamente grande entre àqueles que são favoráveis à opinião do autor, daqueles que são sumariamente contra. O que, de certa forma, contrasta com as opiniões que se percebe no dia-a-dia, mesmo que informalmente. Desse modo, pressupõe-se que a arbitrariedade da escolha das cartas a serem

publicadas pode levar o leitor a ter uma imagem não verdadeira, deturpada, da real percepção da coletividade.

Outro fato interessante anotado foram os diversos e, ao mesmo tempo, contraditórios sentimentos do público, do leitor, para com Mainardi. Seu texto é tão peculiar, que é capaz de criar e gerar opiniões totalmente antagônicas, mesmo sendo sobre um determinado e único assunto. Ao mesmo tempo em que um leitor o venera, com elogios tanto para o texto quanto para sua pessoa, outros se derretem em críticas, às vezes, até mesmo, insultuosas. É comum, sobre um mesmo texto, leitores se expressarem com adjetivos antagônicos, tão díspares quanto lúcido e louco, inteligente e desinformado.

Ao final de todo o processo, fica a idéia de que o público, em geral, é passivo em relação à imagem do autor perante os leitores, refletida nas cartas publicadas. E que, também, falta um certo discernimento, uma apuração mais crítica dos mesmos para distinguir o que, realmente, o autor escreve e opina. Mesmo sabendo que o próprio veículo de comunicação não contribui para tanto.

A verdade é que Mainardi também tem seus méritos em provocar tamanha discussão acerca de suas idéias e posicionamentos. Atualmente, no jornalismo informativo brasileiro, nenhum articulista/cronista consegue tal feito. Como dito anteriormente, Mainardi, às vezes, é a expressão daqueles que não tem “voz” (e nem alcance). Porém, para outros, ele não deixa de ser um polemista sem expressão.

Por tudo isso, fica a imagem de que se está diante não de um polêmico escritor, somente, e sim, diante de alguém com uma notoriedade adquirida. De um escritor-celebridade. Não necessariamente de um bom jornalista.



## 8. Bibliografia

- ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza. “*Dicionário Profissional de Relações Públicas e Comunicação e Glossário de Termos Anglo-Americanos*”, Summus Editorial; São Paulo, 1992.
- CASTRO, Cláudio de Moura e. “*A Prática da Pesquisa*”, Editora Mc Graw – Hill do Brasil; São Paulo, 1997.
- CEDRONI, Giuliano. “*O Destruidor*”. In: Revista Trip, edição 118; São Paulo, 2003.
- ELIAS, Luiz. “*O Oráculo da Crise*”. In: Jornal Gazeta do Povo, edição 04 de setembro; Curitiba, 2005.
- FONSECA, Rodrigo. “*Um estilo Demolidor – Perfil: Diogo Mainardi*”. In: Jornal do Brasil, edição 16 de fevereiro; Rio de Janeiro, 2003.
- GARGUREVICH, Juan. In: “*A Opinião do Jornalismo Brasileiro*”; MELO, José Marques de, Editora Vozes; Petrópolis-RJ, 1994.
- GOMES, Luis Antônio Paim. “*A Pós-Modernidade na Crônica Jornalística de Diogo Mainardi*”, Dissertação apresentada à Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Porto Alegre, 2003.
- MELO, José Marques de. “*Jornalismo Opinativo: Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro*”, 3ª edição revista e ampliada, Editora Mantiqueira; Campos do Jordão-SP, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. “*O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*”, 5ª edição, Editora Hucitec-Abrasco; São Paulo – Rio de Janeiro, 1998.
- NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. “*Jornalismo em Revistas no Brasil: Um Estudo das Construções Discursivas em Veja e Machete*”, Editora Annablume; São Paulo, 2002.

- RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. “*Dicionário de Comunicação*”, Editora Codeci; Rio de Janeiro, 1978.
- SÁ, Jorge de. “*A Crônica*”, 6ª edição, Editora Ática (Séries Princípios); São Paulo, 2001.
- SCALZO, Marília. “*Jornalismo de Revista*”, Editora Contexto; São Paulo, 2003.
- SILVA, Ellis Regina Araújo da. “*Transgressão e Felicidade: Uma Abordagem da Temática Homossexual a partir das Cartas dos Leitores enviadas à Revista G Magazine*”, Dissertação apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília; Brasília, 2003.
- SODRÉ, Muniz. “*O Império do Grotesco*”, Mauad; Rio de Janeiro, 2002.
- STONE, Philip J. “*A Análise de Conteúdo da Mensagem*” In: “*Comunicação e Indústria Cultural*”. CONH, Gabriel, 5ª edição, T. A. Queiroz Editor; São Paulo, 1989.
- VENCESLAU, Pedro. “*O Amado Algoz da Nova Esquerda*”. In: Revista Imprensa, ano 18, número 203, Imprensa Editorial Ltda; São Paulo, 2005.
- VILAS BOAS, Sergio. “*O Estilo Magazine: O Texto em Revista*”, Summus Editorial; São Paulo, 2003.
- WOLF, Mauro. “*Teorias da Comunicação*”, 4ª edição, Editora Presença; Lisboa, 1995.